



SR.ª D. MARIA DA GRAÇA REYNOLDS. Uma das mais distintas harpistas portuguesas—(Cliché Redondo)

N.º 318 Lisboa, 25 de Março de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano. 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO 43



# Ah!... Somatose líquida!!

As crianças fracas assim como as jovens anémicas e nervosas devem tomar, pois o êxito é certo, a admirável

## SOMATOSE LIQUIDA

A SOMATOSE LIQUIDA, desenvolve o apetite, regula e ajuda a digestão, e forma sangue novo e rico, influenciando por isso o estado geral da nutrição.

Symptomas taes como: palpitações do coração, cansaço, fraqueza nas pernas, etc. desaparecem, e em vez d'isto volta a alegria de viver e melhora o estado geral. Estas melhoras são reconhecíveis exteriormente por aumento de peso, desenvolvimento de formas, e bello parecer.

A SOMATOSE LIQUIDA encontra-se á venda em todas as boas farmácias e drogasias.

EXIGIR SEMPRE A EMBALAGEM ORIGINAL MARCADA

COM A

**CRUZ DE BAYER**



# Estrelas de Paris

A ATRIZ  
Lucienne Guett



1 e 3—Atriz Lucienne Guett  
2—Lucienne Guett no papel de Josephina



O Odéon representou ha pouco uma peça de Feline y Codina que eu não sei se já foi traduzida em portuguez, mas que em terras de Hespanha tem uma voga tão grande como a *Dolores*. A peça intitula-se no original *Maria del Carmen* e na tradução franceza *Aux jardins de Murcie*. E' um drama violento, com pouca novidade de tema e de processos; suas lutas de populações visinhas, seu medico d'aldeia, seu alcaide, seu par amoroso, seus ciumes, seus bailes regionaes, seus desafios de *navaja* etc., etc. Não mor-



1, 2 e 3—A atriz Lucienne Guett

ro de amores pelo genero mas concordo em que a escolha foi feliz para o revelar ao publico francez. A peça tem vida, tem cor, e tem sobretudo essa brutalidade animalquenos revelao homem tal qual é— uma fera de instintos como as outras, que a hipocrisia social procura, tanto quanto pôde, disfarçar. O teatro francez va e nos dando só figuras de civilizados que os proprios vicios são os da civilização: e isso tornaria sempre interessante exhibir aqui esse outro tipo, o do *homme-nature*, com toda a sinceridade e, direi mesmo, toda a ferocidade dos seus instintos directores.

Ma demoiselle Lucienne Guett encarnou no Odeon a figura difficil de Maria del Carmen. Não direi que ela pudesse ter sido a protagonista sonhada por Codina para o seu trabalho. A illustre atriz é parisiense de mais para se sentir inteiramente a vontade no meio d'aqueles amorosos de jaleca disputando a naifa os seus encantos, sob o belo ceu de Murcia, pelos caminhos tortuosos de la Huerta. O seu tipo de beleza está mesmo longe de ser o que para uma hespanhola,



tanto quanto possível *de verdad*, um autor meticuloso exigiria. Mas tudo isso não obsta a que a sua criação seja infinitamente interessante e possa contar-se como mais uma segura prova d'um temperamento excepcional de artista valorizado por uma ciencia perfeita da arte de representar. De resto não foi agora que a illustre comediante conquistou o direito de ser contada entre as primeiras do moderno teatro francez. Ha muito já o possuia.

Paris, março de 1912.

P. O.

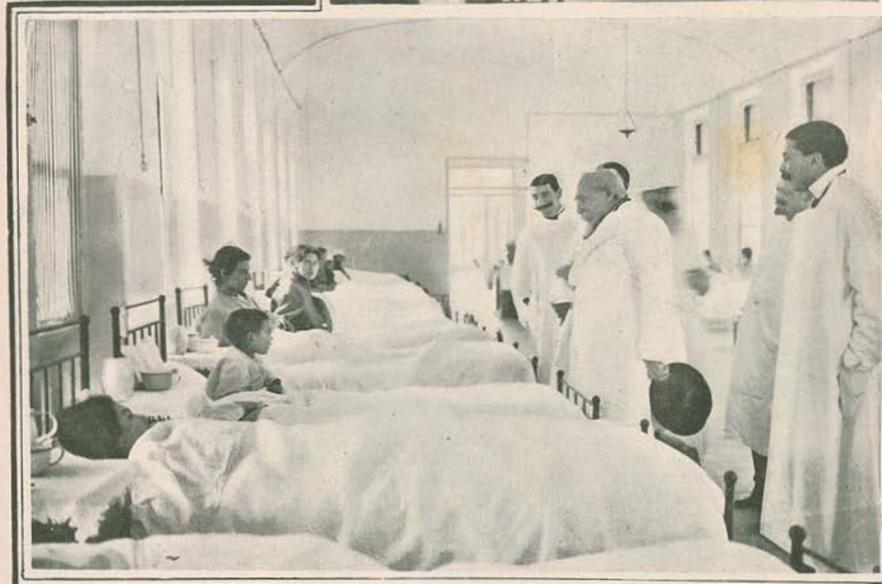
# A VISITA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

## AOS HOSPITAES DE LISBOA

O chefe do Estado foi visitar, em 14 de março, os hospitaes de Lisboa onde estão instalados os tíficos atacados pela epidemia que grassa em Lisboa. No hospital do Rego esteve nos pavilhões isolados, depois dirigiu-se para os de S. José, Estefania e Santa Marta e ainda para a improvisada enfermaria instalada no antigo tribunal das Trinas, assim como para o hospital do Repouso, que a Assistencia dos Tu-



berculosos cedeu ao governo, a fim de albergar os tíficos. Carinhosamente o presidente da Republica falou a alguns dos enfermos e de preferencia com as creancinhas, acompanhando-o, além dos medicos dos hospitaes, o presidente do governo, o ministro do interior e o sr. dr. Stromp, diretor dos hospitaes civis.



1—O chefe do Estado á entrada dos pavilhões isolados do hospital do Rego, tendo a seu lado o sr. dr. Augusto de Vasconcelos, presidente de ministros, dr. Stromp, diretor dos hospitaes, o secretario particular e o chefe do gabinete do ministro do interior 2—Nos isolamentos: o presidente da Republica, tendo a seu lado o sr. dr. Frutuoso Tavares, diretor dos pavilhões isolados 3—N'uma enfermaria do hospital do Rego: O chefe do Estado falando com os doentes

# A VISITA DO MINISTRO DA GUERRA A BRAGA



1—Tenente coronel sr. Alberto Carlos da Silveira, ministro da Guerra 2—Os regimentos da guarnição de Braga aguardando o ministro que foi aquela cidade colocar nos peitos do coronel Gil e sargento ajudante de infantaria 29, a medalha de valor militar

(Clichê da Fot. Aliança)

# Harpistas Portuguezas



2—Mademoiselle Hilda R. M. King

e delicada expressão das suas almas de mulheres, o encanto do seu talento, o reflexo da sua formosura.

Entre as harpistas portuguezas as senhoras que honram as paginas da



1—Mademoiselle Ellen Alexandra Weinstein

3—Mademoiselle Maria Albertina da Silva

A *Ilustração Portuguesa*, publicando algumas das mais distintas harpistas portuguezas, inicia assim a série dos seus trabalhos acerca da vida artistica feminina no paiz, tornando conhecidas d'um grande publico as senhoras á arte devotadas e que só raros tem o prazer de escutar nas suas revelações, de apreciar nas suas obras em que põem toda a fina



4—Madame Ma ía Emilia Macieira Lúo



Mademoiselle Aurora Semelhe, filha do sr. Visconde de Semelhe,  
tocando no salão do seu palácio (Cliché de Benolie)

*Ilustração Portuguesa* são das mais notáveis amadoras, assim como a que brilha, em todo o esplendor da sua beleza, na capa d'este numero com que se inaugura a propaganda das belas-artes que mais belas mulheres adoravelmente cultivam.

# FIGURAS E FACTOS

Foi um dos mais talentosos alunos da escola onde vae hoje ser professor e bem assim do curso de engenharia, exercendo a sua profissão com verdadeira distinção.



Sr. Arnaldo Ressano Garcia, professor de desenho



Capitão de mar e guerra sr. Amaro d'Azevedo Gomes,

Deixou o governo de Angola o major sr. Manuel Maria Coelho, que foi um dos chefes militares da revolução republicana de 31 de janeiro de 1891.



O major sr. Manuel Maria Coelho, que deixou o governo d'Angola



(Clichés de Benoitte)

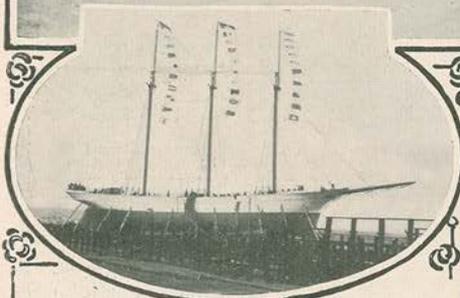
O novo diretor geral da estatística iniciou os trabalhos do censo geral da população de uma maneira verdadeiramente notavel e que deu em resultado apurar-se, em relação a Lisboa, ter sido de 21  $\frac{1}{2}$ % nos ultimos setenta e um anos, o aumento da população.



- 1— O diretor geral da estatística sr. Agostinho Franco com o pessoal empregado no censo geral da população
- 2— Na direção geral d'estatística: Os trabalhos para o censo geral da população



1—A visita do sr. dr. Celestino d'Almeida ao hospital de Marinha: o ministro com a sua comitiva e os medicos do hospital



2—O novo lugre "Golinho", que foi construido nos estaleiros da Figueira da Foz e que pertence à Sociedade de pesca da Foz do Mondego



3—Em Cabo Verde: Cena d'um'a recta promovida por sargentos de marinha a bordo da *Zambesia* a favor da subscrição destinada à compra d'um barco de guerra para substituir o *S. Rafael* 4—Um trecho do muro-caes do porto de Lourenço Marques que está sendo construido pelo engenheiro sr. Ribeiro Artur e no qual já podem descarregar-se peças do peso de 60 toneladas

O sr. Henrique J. da Fonseca era um dos mais distintos alunos do Instituto Superior Tecnico e faleceu em 13 de março, sendo o seu funeral uma manifestação de saudade dos seus camaradas e do povo de Santarem.



Um exemplo de longevidade este provinciano, cuja vida tem sido passada sempre a labutar e que narra ainda muito vivamente os episodios a que assistiu na sua longa existencia de trabalhador rural.



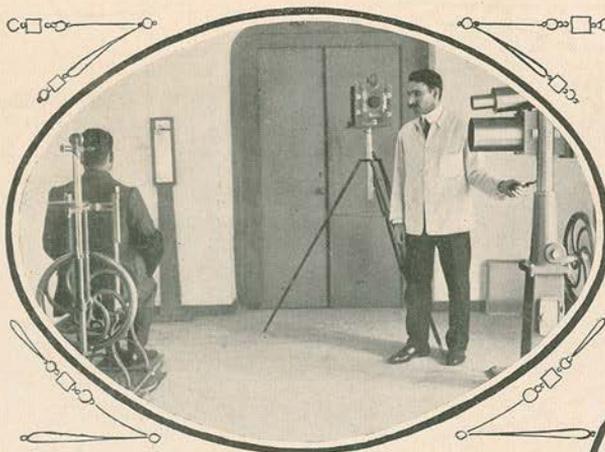
Mais uma originalidade americana. O orgulho yankee não consentindo mesmo que os curiosos percorredores do mundo peçam esmola para viverem durante as suas viagens, é trabalhando que levam ao cabo o seu curioso percurso do universo tres jornalistas americanos.



O ator Francisco Avelar, que faleceu no Rio Grande do Sul, era uma utilidade em teatro como bem o demonstrou ao fazer o papel de «Junot» no *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas de que toda a critica acentuou o seu expressivo desempenho.



1—Everett W. Milles, Royden Randolph Sparkes, jornalistas americanos que estão dando a volta ao mundo, sem terem trazido dinheiro e dispendendo apenas aquele que ganharem em trabalhos violentos como os que atualmente estão fazendo por conta da Vacuum Oil Company 2—O estudante sr. Henrique Julio da Fonseca, falecido em Santarem 3—O ator Avelar, fallecido no Rio Grande do Sul 4—Antonio Couto, natural de Alco-baça e que conta 105 anos 5—O grupo da excursão à Serra da Estrela, promovida pelo *Tiro e Sport*, a fim de estudar a pratica do *sport* de inverno em Portugal



1—O posto antropometrico do governo civil, inaugurado em 16 de março

No Governo Civil acaba de se inaugurar um posto antropometrico no qual serão recolhidos todos os caracteristicos e impressões digitais dos individuos que ali sejam detidos. E' seu diretor o sr. dr Antonio Balbino Rego, ficando encarregados os cabos das esquadras de obterem as marcas digitais de todos os presos e que devem ser remetidas para o posto central.



2—Os professores da escola colonial, onde terminaram os exames. srs. drs. Silva Teles, Ayres Kopke e José de Magalhães



O sr. Howard Kelly, adido naval inglez, ficou muito bem impressionado com as suas visitas aos varios estabelecimentos de marinha, onde foi acompanhado pelo illustre official da armada, o capitão-tenente sr. Leote do Rego.



3—O sr. Howard Kelly, adido Naval inglez que visitou o Arsenal de Marinha e os outros estabelecimentos navaes



4—O sr. Cyrus Woods novo ministro dos Estados Unidos da America em Lisboa

5—O adido inglez com o sr. Leote do Rego e engenheiro de marinha Vaz de Carvalho, no Arsenal (Clichés de Denolle)

# O TEATRO INGLEZ

Quem tiver o prazer de assistir a uma época teatral em Londres, reconhecerá que ha uma certa verdade na frase que os ingleses citam: *The English stage is the best over all the world.*

O estado moral e social de qualquer povo, o seu grau de civilização, as suas tendencias, tudo isto se pôde aquilatar muito pelo seu teatro.

Ora a primeira conclusão a que se chega ao observar a cena ingleza, é que os filhos d'essa trabalhadora Inglaterra querem o seu teatro como um elemento de distração, agradando-lhes tanto mais quanto mais faz rir, não olhando a processos, nem á fôrma, e, seguindo a conhecida sentença de Juvenal, afirmam que é a rir que se aperfeçoam os costumes.

Assim o publico inglez não gosta do teatro em que os autores sejam discutidos, as peças debatidas pelas idéas que podem suscitar, e na Inglaterra o teatro não é aquella vasta arena onde apparecem as grandes peças de problemas de ordem social e moral-que agitam a



- 1—Miss Phyllis Neilson Terry
- 2—Captura de miss Miller
- 3—Miss Gabrielle Ray
- 4—Miss Gertrude Millar

humanidade toda. A platéa ingleza não se adapta aos poderosos mestres do teatro: Ibsen, Tolstoi, Bjornson, Hauptmann Sudermann e Voss. Mas é que para se compreender as peças

d'estes autores, indispensavel é

possuir-se uma certa educação literaria, conservando-se durante a representação o espirito sempre atento para se poder abrançar a complicada perceção rapida das diversas cenas, e, principalmente, o tema de grande elevação de pensamento que tem de ser sentido no palco, assim como o enredo, cheio de subtis concepções e fortes emoções, apesar de exprimir, n'uma logica surpreendente, factos reaes da vida comum.

O teatro assim não diverte, obriga a pensar, dirá todo o genuino *Englismen*. O publico britanico entende que não deve ir para o teatro, a fim de arrelhar e estorvar os nervos. Para isso bastam certamente as arrelhas de todos os dias. E como que querendo fazer recuar a humanidade na sua fase meditativa, ele adotou as peças lançadas com naturalidade, cheias de graça esfusante, não obrigando os espetadores a pensar e não lhes causando pesadelos.

Compreende-se bem que d'este modo os principios da arte pura são frequentemente sacrificados perante o *good humour* britanico. O pu-



5—Sir Herbert Tree no Macbeth



6—Miss Ellen Terry



blico inglez pretende frequentar o teatro não para apreciar primores literarios, mas para assistir a representações que façam rir, ainda que não tenham o caracter estetico de arte e sejam sem unidade e coesão. Não têm essas peças o que em teatro se chama *fundo*, e per-tencem, em geral, ao ge-nero de teatro em que a ironia leve se suavisa em fina graça cheias de espuma de humor.

Apesar do muito que o inglez deseja rir, nunca ele recorre aos ditos escabrosos, ás frases equivocadas; contra isso levanta-se o seu carater proprio.

Para explicar bem a preferéncia que a plateia britanica tem pelo *comico*, basta que atendamos á *active business life*, caracteristico d'esse povo trabalhador. Quem mergulha intensamente no trabalho precisa do teatro como um meio de distração, e, assim, procura as farças, as peças que delicias o ouvido com musica ligeira de opereta, e que encantam o olhar pelo brilhar de guardaroupas luxuosos e pelo fulgurar de cenografias deslumbrantes. O publico vae para o teatro para aliviar o espirito, regosijando com as representações que despertam gargalhadas, mas sem os picantes aperitivos que são tanto do agrado dos frequentadores das plateas de Paris.

Durante um ano inteiro representam-se em Londres peças de fantasia, com ditos imprevistos, frases mordazes, com engraçados *complets*, maravilhosamente engastados em verso facil e natural. As operetas contém, em geral, assuntos singelos, questões do dia, referencias politicas do ano, com duetos de amor e lindos côros, cheios de agilidade e frescura. A par do dueto de amor, aparece, geralmente, um dueto comico, que percorre a cena, espalhando, entre risos, as mais engraçadas travessuras.

Um dos assuntos prediletos para a critica mordaz, para soberbas *charges* é, principalmente, a brilhante vida de Paris, e mais ainda a originalidade e excentricidade dos costumes *yankees*, que os inglezes gostam de ver ridicularizados no palco. Mas onde o teatro inglez pôde ser considerado verdadei-

ramente superior é nos deslumbramentos dos mais ricos e suntuosos cenarios, no fausto e no luxo da *mise-en-scène*. O publico inglez não dispensa um cenario que não seja excessivamente brilhante. Em todos os palcos inglezes encontram-se decorações magnificas, maravilhas de luz e prodigios de cenario. As montanhas têm ai a sua magestade selvagem, os vales os seus encantos silvestres e as arvores aparecem com o seu aspecto natural e cheias de folhas.

E no que o teatro inglez ocupa ainda um lugar de destaque é no encanto gracioso, distinto e fino das suas atrizes, de uma beleza *lovely*, gentis e leves, de gestos que encantam, sorrisos que prendem e são admiraveis na arte de representar; e as dançarinas, ou em danças ligeiras, como a gentíl miss Gabrielle Ray, ou em danças classicas, como a incomparavel Miss Maud Allan, a mais distinta dançarina que pisa os pa'cos de Londres e Nova York encantam sempre o publico.

E para se fixar na memoria a fina beleza d'uma atriz ingleza, basta ter tido occasião de admirar no *Daily's* miss Lily Elsie, uma das primeiras interpretes das protagonistas das operetas, distinguindo-se como canta, com a sua voz pura e clara, os *complets* a que sabe dar toda a ternura. Mas ao lado de miss Lily Elsie, partilha da estima do povo londrino, como atriz de opereta, miss Mary Templest, que não tem a doce beleza, nem a leve graciosidade da primeira, mas, talvez, lhe seja superior na arte de representar.

Caricatura de Grossmith Junior

Uma atriz tambem de certa nomeada é sem duvida miss Gertie Miller, que, não obstante, possuir a figura expressiva das *gir s*, que de dia frequentam a *Burlington Arcade*, para depois tomar chá no *Bristol*, e á noite passeiam pelo *Viccadilly* e *Leicester Square*, indo repousar no *Café de l'Europe*. conseguiu apresentar como uma autentica, simples e



Miss Phyllis Dare e mr. George Grossmith Junior

ingenua *Quaker Girl*, dando assim realce essa afamada peça do mesmo nome que se representa no *Adelphi*.

No drama para as situações emocionantes, surge miss Phyllis Nelson Terry, que encarnou ultimamente no *New Theatre*, o papel de Julieta, na celebre peça de imortal Shakespeare.

Miss Phyllis Neilson Terry possui um belo talento e rara formosura, constituindo isso, certamente, um duplo prazer para o espirito. Tem uma voz meiga, que lhe dá todo o realce no seu papel

de Julieta apaixonada. Raramente um rosto no palco apenas com tão ligeiras contrações é suscetível de revelar expressões mais variadas.

O aparecimento de miss Phyllis Terry no *New Theatre* fez reviver no espirito publico inglez as belas noites passadas no antigo *Lyceum*, no papel de Angela Didier em que miss Ellen Terry, a Sarah Bernhardt londrina, encantava a assistencia no papel de Julieta. Miss Ellen Terry vivia a personagem cheia de comoção dolorosa de paixão interna, manifestando todo o seu sofrimento, toda a ternura d'um coração que desabrocha para sofrer.

Enquanto aos actores que em Londres sustentam o fama de mestres, já mortos, destaca-se sir Herbert Beerbhm Tree, um dos maiores actores modernos da Europa, o brilhante interprete do *Uth lo, Hamlet*, *Henrique VIII*, *Julio Cesar* e *Macbeth*, o eminente artista digno de se pôr ao lado de Garrick, Macready, Kean e Irving.

Em sir Herbert Tree, a arte de representar alcança a mais alta perfeição, sabendo esse genial ator produzir os mais impressionantes efeitos pelos processos mais singelos.

Nunca esboça um gesto cu' a intenção não se compreenda, nunca profere uma palavra sem a precisa entoação de voz, apresentando sempre o seu rosto todas as cambiantes de diversas sensações. Não ha manifestação de coragem, rasgo de heroismo, indícios de raiva, assombro de medo, que a sua fisionomia não exprima com a mais completa nitidez.

Sir Herbert Tree é o verdadeiro espelho de todos os sentimentos, dr

todas as tempestades que existem na alma humana.

Como ator verdadeiramente moderno salienta-se tambem Mr. Martin Harvey, que o ano passado teve a sua corôa teatral na afamada peça *The on yway* tirada do romance com o mesmo nome do inolvidavel Dickens, cujas obras tem sido com tanto successo adaptadas nos palcos de Paris.

Se o poder de interpretação de Mr. Martin Harvey não é superior ao de Sir Herbert Tree, tambem o não é inferior. A sua voz não se ergue em ruidosas declamações. Martin Harvey possui a facultade de comover a assistencia em lances dramaticos pelo sentimento que dá ás palavras, tendo sempre impresso no olhar o carater psiquico do personagem que representa.

O seu desempenho é sempre admiravel, não se podendo observar na cena um movimento, uma expressão que ligeiramente destoa. Não gesticula, não grita, não pretende aproveitar-se do tumulto como um elemento para causar a agitação interna.

No genero comico revela-se como um verdadeiro artista mr. George Grossmith Junior, o *Beau Brummel* do palco inglez, o brilhante escritor humoristico, o genial ator comico, *doubbe* de perfeito *gentleman smart* e *dandy*. Mr. Grossmith é, na verdade, um autor e ator cheio do mais fino talento humoristico, sabendo manejar, com rara mestria, o trocadilho, um habil observador de costumes de que sempre tira os maiores efeitos hilariantes, a fim de manifestar os ridiculos da sociedade. Todo o publico tambem o

aplau-  
de, ou-  
vindo-  
se na platea  
frases com estas: — *This is very good indeed. But how wonderful he is.*

Mas é que n'ele não é só os seus subteis ditos de ironia que atraem a platea; é, principalmente, a sua dição impecavel, proferrindo, sem desconcertar o rosto, os mais espirituosos ditos, o modo caracteristico como entra em cena, como se move no palco, a notavel sobriedade e do seu gesto, e a sua bela expressão fisionomica.

Mr. George Grossmith Junior tem ainda a seu favor o contraste que na peça *Peggy* se manifesta entre ele e o aprecia-



Miss Lily Elle no papel de Angela Didier em que miss Ellen Terry, a Sarah Bernhardt londrina, encantava a assistencia no papel de Julieta.



Miss Maud Allen

do comico mr. Edmund Payne.

Prodigio em gesto, quanto Grossmith o é sobrio, de modos desenvolvidos a contrastar com o porte sempre correto do primeiro, mr. Edmund Payne parecia, ás vezes um *clown*, que aspirasse só a fazer rir o publico. Este estimado ator, que exprime a mais perfeita perfeição e alegria de bom humor, para representar a personagem, dá-lhe a ridicula exatidão necessaria, e é sufficiente reparar no seu olhar, em que faísca o traço da hilaridade, para se notar que o comico é n'ele inato.

Falando d'ele, é usual dizerem os inglezes: *I would only like to have his eyes.*

Que admira, pois, que mr. Edmund Payne consiga fazer rir o publico, se ele assim nasceu.

Na peça *Peggy* salienta-se ainda a fina *diseuse* miss Phyllis Dare, que, cheia de graça, dá todo o realce ás frases e palavras que



tre punha em cena a opereta comica, intitulada *Bonita*, cuja ação se passa em *the sunny country of Portugal.*

Mereceu essa opereta comica, que de comico só tinha o nome que se lia no cartaz, os aplausos do publico inglez, que se delectava em ver os garridos trajas minhotas das raparigas com bilhas graciosamente postas nos hombros, e em presenciar os costumes populares do norte de Portugal.

NOTA: As caricaturas que acompanham este artigo são devidas ao lapis do distinto caricaturista polaco, ha anos residente em Londres, Jan de Junona Rósczewski, *Tom-Till*, o apreciado collaborador artistico dos jornaes polacos *Wucha*, *Kujer Smieteczny*, e do conhecido semanario alemão *Die Lustige Blatter*, tendo atualmente a seu cargo a direção artistica dos importantes jornaes londrinos: *New Age*, *P. L. P.* (*Penny Illustrated Paper*), e *Planet*.

A este meu amigo e grande caricaturista, que levou a sua amabilidade em ceder-me caricaturas expressamente feitas para a *Illustração Portugueza*, os meus sinceros agradecimentos.

JORGE DA ROCHA PEIXOTO.



- 1—Caricatura de Miss Mary Tempest
- 2—Miss Lily Elsie a interprete da *Princesa dos Dollars* no *Dailys Theatre*, onde o ex-rei de Portugal foi tres vezes ver a protagonista. (Esta fotografia representa-a com o seu vestido de noiva no dia do seu casamento com um rico industrial)
- 3—Miss Phyllis Nelson Terry na *Julietta* da peça *Romeu e Julieta*

profere, sublinhando com *verve* especial os ditos espirituosos que o autor Mr. Grossmith introduziu. Maravilhosa nos duetos, identificando-se com a personagem que representa, miss Phyllis Dare é admiravel ao cantar o *Ladies, beware*, a que o seu privilegiado temperamento sabe produzir todo o efeito.

Mesmo ao findar a bela época teatral do verão passado em Londres, o *Queen's Thea-*



# A CHEGADA DO SR. DR. AFFONSO COSTA A LISBOA



O sr. dr. Afonso Costa, que, por motivo de doença se retirara para o estrangeiro, onde convalesceu durante tres mezes, regressou a Portugal depois d'uma curta estada



em Paris onde foi alvo de manifestações da colonia republicana, sendo-lhe oferecidos banquetes a que assistiram os mais notaveis politicos, tendo um grande numero de jornaes solicitado entrevistar o illustre chefe do



- 1—Na amurada do *Cap Blanco*. O ministro da Justiça indicando ao sr. dr. Afonso Costa o rebocador onde vem a sua familia
- 2—O sr. dr. Afonso Costa ao lado de sua esposa saudando a multidão
- 3—A descida de bordo do *Cap Blanco*. A' frente sr. dr. Afonso Costa a seguir, senador Artur Costa, dr. Antonio Macleira, ministro da Justiça
- 4—No Terreiro do Paço, o povo rodeando o automovel do sr. dr. Afonso Costa

partido democratico. Em Lisboa as manifestações attingiram o delirio indo uma grande quantidade de agremiações esperar-o a bordo do *Cap Blanco*, sendo aguardado em terra por milhares de pessoas que o aclamaram efusivamente seguiram o seu automovel, com o maior entusiasmo, até á residencia do notavel homem politico.

O sr. dr Afonso Costa, nas entrevistas concedidas aos jornaes, pronunciou-se por uma politica de união a fim de na sua calma se fazerem as reformas indispensaveis á vida do paiz.



Na ponte do *Cap Blanco*. O sr. dr. Afonso Costa e o ministro da Justiça agradecendo as manifestações

# O Reis de Italia



O rei de Italia, Vitor Emanuel III, contra quem atentou o anarquista Dalba, em 17 de março.

O rei de Italia foi alvo d'uma tentativa anarquista, em 14 de março, quando se dirigia para o Pantéon com a rainha para visitar o sarcófago do rei Humberto, no dia do aniversario do seu falecimento. Eis a fôrma como a soberana de Italia narra as suas impressões do atentado:

«Da carruagem em que seguimos notei, a distancia, aquele homem, que tinha a mão direita metida no bolso

quando os soberanos se dirigiam para o Pantéon de Roma do casaco. Evidentemente, supunha que Vitor Manuel e eu occupava a primeira carruagem do cortejo, motivo por que esteve uns momentos hesitante. Quando a nossa carruagem passou na sua frente por entre os cavalos de dois couraceiros vi o homem tirar a arma do bolso e apontal-a sobre nós. Lancei-me sobre Vitor Manuel, afitissima, chamando a sua atenção. O rei ia a conversar com o



A rainha Helena de Itália com seus filhos as princezas Yolanda, Mafalda e Joana e o príncipe Humberto

general Brusati, seu ajudante, e não dera por nada. No mesmo instante soou o primeiro tiro, falhando, e logo outro que passou sobre a carruagem, indo ferir Lang, que cavalgava á portinhola da esquerda, junto de Vitor Manuel. O terceiro tiro falhou tambem e o quarto feriu mortalmente o cavallo de Marri, sargento da escolta. Vitor Manuel, tranquilizando-me, ordenou que o cortejo proseguisse. Quando regressámos ao Quirinal, quiz eu propria contar a meus filhos o que se tinha passado.

«A nossa filhinha mais nova, Joana, pôz-se a chorar, chamando pelo pae, que tinha, no extretanto, ido ao hospital visitar Lang.

«Yolanda e Mafalda, muito tristes, ficaram silenciosas e Humberto, o príncipe herdeiro, começou a saltar, gritando que tudo tinha acabado bem e que nada havia a recear.

A rainha terminou com esta frase:

«Um homem que faz chorar tantas vezes sua mãe acaba por ser assassino.»

# VIDA

O CONCERTO DA

# ARTISTICA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



D. Juliana Teixeira



D. Beatriz Rocha



D. Caciilda Sá Pereira



D. Camila d'Avila



D. Ermelinda Cordeiro



D. Maria Julia da Fonseca Pereira de Melo



D. Filomena Rocha



Pianista D. Maria Margarida F. d'Almeida, promotora do concerto

No concerto que a ilustre pianista D. Margarida d'Almeida promoveu com o concurso de excelentes elementos, distinguiram-se, além do notável maestro Nicolino Milano, a violoncelista exímia, apesar da sua pouca idade, que é a menina Maria Julia Fonseca Fontes Pereira de Melo e a harpista sr.<sup>a</sup> D. Juliana Teixeira, isto emquanto á parte musical.

A seleta assistência, que enchia o salão da *Ilustração Portuguesa*, aplaudiu também as excelentes cantoras que mais uma vez mostraram os seus belos recursos, como as sr.<sup>as</sup> D. Ermelinda Cordeiro, D. Caciilda Sá Pereira e o baixo sr. Antonio Silvestre discipulo do distinto professor sr. Artur Trinda-de.



Sr. Russell



Maestro Nicolino Milano



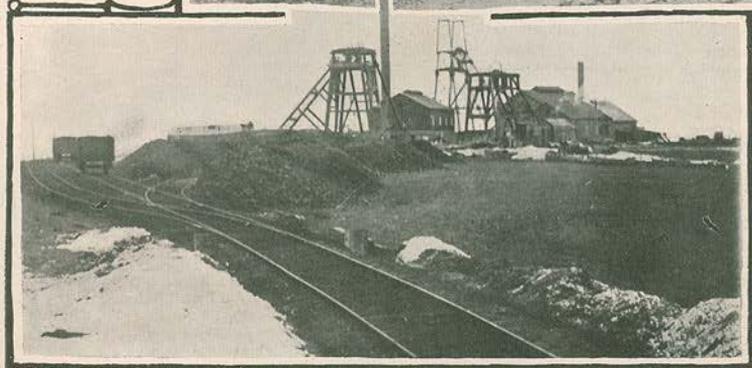
Sr. Antonio Silvestre

# A GRÉVE DOS MINEIROS EM INGLATERRA



correu á proposta do salario mínimo, pela qual durante tres anos os mineiros o receberão desde que retomem o trabalho. Os patrões serão obrigados a pagar-lhes d'este modo, mas não a abrirem as minas assim como os trabalhadores não serão forçados a descer para

A gréve dos mineiros vae ser solucionada com o projeto de lei do sr. Asquith que mostrou á Camara dos Comuns a necessidade da sua imediata execução. Só depois de ter exgotado todos os recursos imaginaveis, tentado por todos os meios resolver a gréve é que re-



elas. As caixas dos sindicatos mineiros estão quasi exgotadas, mas os dois milhões de grévistas são sempre a terrivel força que obriga o governo a essa medida conciliadora.

1—Lendo a declaração da gréve dos caminhos de ferro  
2—Abandonando a ultima mina onde se trabalhava 3—As minas abandonadas



# TANGER E O TURISMO



Um cherife

horas de Lisboa.

O protetorado da França chamou as atenções para Marrocos. Dentro em pouco caravanas de estrangeiros passear-se-hão portoda a região analisando os costumes, levando a sua civilização. Haverá segurança, ordem, policia e os mouros de ruim fama começarão a aparecer-nos apenas como personagens tipicas, como succedeu com os famosos argelinos.

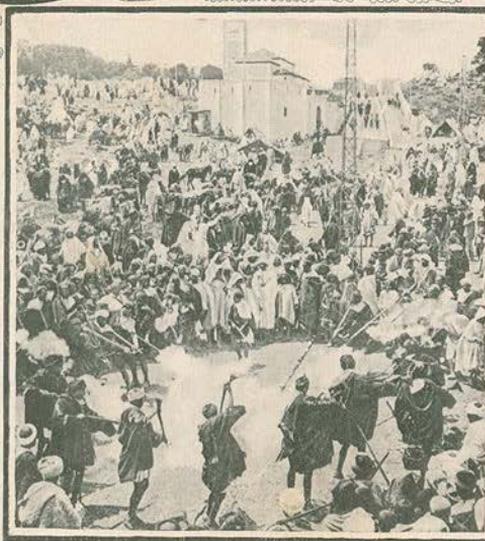
Para Portugal seria de toda a vantagem fomentar o turismo para a região com o que só terá vantagens. Tratar de estabelecer entre o litoral marroquino e o nosso paiz rapidas comunicações é uma forma de atrair aqui os estrangeiros que depois de verem a terra conquistada, as muralhas que lá erguemos, os nossos escudos, os vestigios do nosso dominio, não deixarão de querer ver a terra d'onde a conquista se iniciou.

Dentro em pouco Tanger terá hoteis magnificos, casinos, luxo, confortos. Ir-se-há ali gosar do mais temperado clima, mergulhar a vista nas curiosidades marroquinas. Haverá toda a cautela em conservar o pitoresco tanto quanto possivel, em fazer da terrivel cidade fortificada da tradição um logar de recreio. De Tange a Fez será construido um caminho de ferro e em 26 horas poderemos ir d'esta Lisboa

Ir a Tanger, á velha cidade mourisca, pareceu sempre uma aventura arriscada. Os portuguezes tinham lá realizado a conquista, submetido os mouros e construido essas muralhas e esses torreões de que ainda restam destroços. A medida que abandonavamos as conquistas mais longe nos pareciam as terras conquistadas e no entanto Tanger, em todo o seu pitoresco, as suas ruas singulares, os seus habitantes, as suas casas, está apenas a 22



Garoto mouro



A festa da polvora

assoaçada e pacata, da porta da Havaneza, á capital do grande imperio ha pouco ainda misterioso.

A linha de caminho de ferro vae cintilar no terreno marroquino, as locomotivas vão passar rapidas pela terra onde não se tolerava o estrangeiro e por toda a parte os hoteis, com todos os confortos, começarão a aparecer.



"Toilette" d'uma mulher arabe

Foram á frente os soldados; seguem agora os comerciantes. Tanger terá o seu hotel modelo e o seu casino e o mesmo sucederá em Fez, Mequinez, Rabat, Casa Branca, n'estes lugares que ha pouco se celebrisaram nos jornaes estrangeiros como locaes de chacinas e de crimes. Não se podiam evocar sem se imaginar desde logo o sultão em luta com os pretendentes que de toda a parte surgiam, os visires manhosos, os chefes cruéis com os seus albornozes brancos fazendo a sua politica e erguendo as muralhas das suas fortalezas.

Marrocos vae sentir a passagem da civilisação n'um galope, a ancia de renova-mento que tem atacado tudo, vae viver de uma maneira pouco consentanea com os seus hábitos, n'um modernismo que sempre repudiou e que causou a queda



Porta da praia.



A principal rua de Tanger



Bazar marroquino



A grande mesquita

do sultão Abd-el-Azzis, ao tornar-se amigo dos europeus. O que queriam com tanto cuidado evitar depondo o soberano, succedeu pela força do progresso.

Agora vae



O passeio do sultão.

acontecer esta coisa maravilhosa que já se passa por quasi toda a terra.

Correm-se todos os cantos do universo sem levar na al-

gibeira uma arma, mas levando em troca muito dinheiro. D'este modo vamos gosar d'este cumulo: o de recolher no fonografo o canto sagrado do muezzin n'uma velha e historica cidade da mourama.



# A REABERTURA DA CASA SINDICAL



Após mez e meio de encerramento reabriu a Casa Sindical que á ordem do governo se fechára em 31 de janeiro, por ocasião da greve geral do operariado. O novo governador civil mandou entregar as chaves aos delegados das associações sendo arvorada,



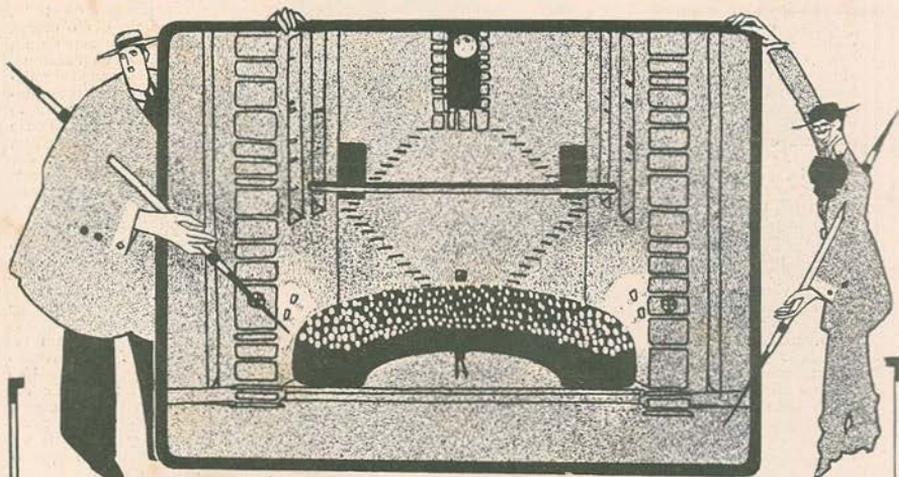
por entre vivas e palmas na janela da Casa Sindical, a bandeira simbolica vermelha e negra. O comité operario delibero pedir ao governo uma indemnisação pelo estado em que encontrou a sua sede social, depois da permanencia ali da guarda republicana.



1—O izar da primeira bandeira na Casa Sindical em 17 de março 2—O atrio da Casa Sindical, vendo-se as portas escangalhadas 3—Uma das salas da construção civil 4—O botequim  
5—Outra instalação na Casa Sindical

(Clichés de Benolle)

# :O ORFEON DE COIMBRA:



*Correia Dias*

—Desenho de Correia Dias 2—Antonio Joice, desenho de Baíha e Melo



STE orfeon nasceu como todas as coisas belas n'uma hora bendita em que Antonio Joice quiz interessar a academia de Coimbra por um pouco de arte nobre e vitalisante.

E da sua geração cujos antecessores mal lograram marcar celebridade de boemios, alguém houve que atingiu a elevação obra do artista.

—A confiança maxima ao serviço d'uma realidade insuficiente lá foi chamando os moços e esforço após esforço cresceu o animo e o interesse real foi-se desenvolvendo quando já os rapazes começavam a preocupar-se demais com a política, para poderem dar esperanças de homens honestos, de futuro. De modo que o orfeon não vale sómente pela manifestação artistica, vale tambem como causa unificadora de energias que ameaçavam perda e elemento isolador de influencias perniciosas que, nos maus estudantes de hontem, faziam prevér os pessimos homens praticos de amanhã.

—Até se conse uir, porém, o conjunto admiravel que fez cobrir de aplausos a mais generosa de quantas iniciativas a alma dos novos ha imaginado, quanto trabalho, que martirisante canceira a de organizar e disciplinar umas centenas de temperamentos irrequietos e aptidões varias, que glorioso esforço o de ensinar a cantar e mais o de fazer sentir todo um turbilhão de almas abrindo para a vida!

—Eu tenho para mim que a alma do artista é tanto mais admiravel quanto mais se aproxima das outras almas, que a sua obra é tanto mais bela quanto mais faz nos outros a séde da Beleza e que se ha sacrificios para louvar é o do homem superior procurando entender ao maior numero a ação emocional das

creações do seu espirito. Conceber, plasticibar e baixar a obra á admiração dos poucos que a compreendem e serão capazes de a viver não é tudo.

A primeira aspiração do artista deve ser que o publico deseje aproximar-se da sua obra.

Antonio Joice assim o entendeu e á organização do orfeon academico seguiu-se o despertar do gosto pelo canto coral e por aí fóra novos orfeons se foram criando semelhantemente. As primeiras viagens foram simples pretextos para aplausos e no entusiasmo do triunfo nasceu a necessidade de ir mais



longe. D'aqui a cooperação com João de Deus Ramos na sua obra e o lançamento das bases do «Jardim-escola João de Deus», o mais delicioso ninho de crianças que meus olhos viram.

O Porto e Lisboa afirmaram ao orfeon a sua simpatia e entrou de admirar-se, conjuntamente com etc, João de Deus Ramos, o espírito esclarecido que tão bem soube aproveitar praticamente essa admiração.

— Um dia sonhou-se ir até além Atlântico levar aos que vivem a dolorosa vida do desterro, as canções nostálgicas da sua terra, garganteadas pela mocidade da Coimbra lendária n'uma evocação...

Logo sonhos, preparativos, fantasias, tudo o que a alma nova pôde ter ao fugir d'uma cidade de tristeza e sombras para um paiz maravilhoso, que do nosso tem tudo menos a pequenez e a miséria. E como a viagem prometia demoras e todos acorriam a afirmar as vantagens que d'ela podiam provir para o estreitamento das relações intelectuaes dos dois paizes, preparou-se tudo para a ausencia.

Afinal o imprevisto proibiu a partida, já depois de tudo preparado e mais uns lamentos de adivinhação ficaram até que a resignação veio para esquecer, findo o ano.

Com novo ano, energias novas e Antonio Joice ainda vieram planos novos. Depois o grito heroico da revolução que aí fez vibrar tudo ansiosamente, teve eco no orfeon. Além das viagens sabidas ao Porto e a Lisboa, olhou-se de longe Paris, o rodopio borbulhante de almas endiabradas, o mercado do espirito gracilimo, a cidade do Louvre e de Versailles, das *co collés* e dos *apaches*, de Anatole e de Rodin, a capital, em



*Correia Dias*

fim, da republica franceza. A seu tempo houve a realização de tudo. Um belo dia o orfeon abalou e apesar de um pequeno contratempo, entre as canções gaítas dos estudantes francezes e a admiração curiosa do parisiense ante os *sans chapeau*, chegou a Paris. Se dos rapazes poucos foram os que se prenderam a visitar os museus e a admirar as obras de arte de que Paris é cheio, esses ao menos fizeram-no conscientemente, estouto certo d'isso.

Muitos mais, se se dessem ao grato prazer da boca aberta, poderiam ter mostrado aos frequentadores do Louvre, do Salon dos Humoristas, etc., interesse ficticio por uma arte que nem a todos fascina. Mas, felizmente para eles, preferiram afirmar ao Paris *boulevardier* que em amor não eram acanhados e que o amor não tem lingua oficial.

O orfeon cantou e cantou bem as canções portuguezes desconhecidas do estrangeiro que gosta da dolencia da nossa musica popular nas suas variações de provincia para provincia.

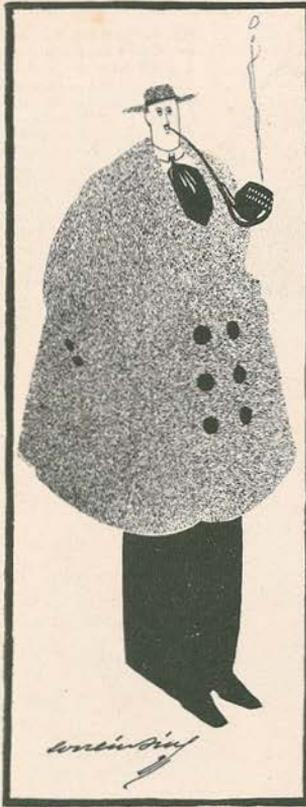
E quer-me paracer que no Trocadero os que tiveram a dita de escutar as rapsodias, os côros da Serrana, a Morena, a Portugueza e a Marselheza cantadas com superior emoção n'uma voz clara, balouçando-se da caricia dolente ao sacrificio resignado, da virilidade forte ao entusiasmo elanguescente mas sempre com a macieza dolente da nossa alma, ficaram a acreditar que não tinha razão o impiedoso francez afir-



*Correia Dias*

1—A Naná. Tipo do Bairro Lat (Desenho de Correia Dias) 2—Fernandes Costa, (Desenho de Balha e Melo)

3—Nuno Simões, (Desenho de Correia Dias) 4—Chico Menano, (Desenho de Balha e Melo)



Um baixo: Balha e Melo  
(Desenho de Correia Dias)

mando que a Africa começava para cá dos Pyreneus.

—Os cronistas da viagem com mais ou menos esperança da gargalhada publica, na volta fizeram blague sobre a absoluta ignorancia do francez por parte de creaturas que nos liceus estafaram tres anos a gramatica do sr. Gonçalves Vianna. Correram anedotas picarescas sobre a falta de conhecimentos artisticos dos estudantes e as entrevistas sobre a viagem não deram impressões novas, repetiram apenas o que um humorista qualquer para ai escreveu ácerca da viagem aos boulevards de um salão abastado.

Este ano (o ultimo infelizmente) voltou de novo a preoccupação da ida ao Brazil.

Agora, todas

as noites, ali na velha egreja de S. Bnto, sob a direcção do Joice no entusiasmo de sempre, os ensaios correm, os esforços reúnem-se como no primeiro dia, como para a primeira viagem.

Afirma-se com todas as probabilidades de exito que se realisarà o velho sonho.

Não sei ao certo: Se uma viagem de almas é sempre um grande acontecimento porque significa um motivo de enuavações e sentimentos a ida do orfeon ao Brazil representa por uma circumstancia especial o maior successo na vida do orfeon. Vamos á nação irmã, apertar laços que o mar não logrou partir. E não é só a colonia portugueza para quem ha acima de tudo um pedaço de céu preferido ou a mocidade do paiz amigo são todos os brasileiros que sabem

sentir-  
tistas e  
homens  
de letras  
que que-  
rem a  
nossa  
ida.

Ao Bra-  
zil de  
Coelho Neto,  
Olavo Bilac,  
Vicente de  
Carvalho,  
Euclides da Cunha  
e outros em que surge

agora uma  
geração cheia de força e de talento com Ole-  
gario Mariano, Alvaro Moreyra, Mario Pe-  
dreneira e Aristides Maia, levamos não só um documento da nossa cultura mas tambem uma homenagem de simpatia que bem a merece a nação irmã saudando-nos na hora da duvida, ao primeiro impulso comovido logo

após a revolução.

Lisboa voltará em poucos dias a ouvir o orfeon que

cantará Wagner, Massenet e Saint-Saëns. E na despedida (o Joice formase este ano) não se esqueceu do Alemtejo e do Algarve. Evora e Faro escutal-o-hão a seguir a Lisboa, E com que entusiasmo todos hão-de aplaudil-o adivinho-o eu que ainda ha pouco ouvi a nova rapsodia de canções portuguezas em que esta incluída o Solidão do Alemtejo.

Nuno Simões.



2—Correia Dias, autocaricaturista  
3—Manuel Bivar (des. de C. Dias)  
4—O Sanzia (des. de Balha e Melo)

# OS ÚLTIMOS ESTRAGOS DO MAR EM ESPINHO

De ha muito que o mar faz a sua temerosa invasão em Espinho, sendo ultimamente bem grandes os seus estragos apezar da estacaria e das enormes pedras que se collocaram nas margens, a fim de deter essa destruição extranha que



—Uma rua que o mar vai engulindo; rente das casas era a rua do Cruzeiro

vae aniquilando pouco a pouco a interessante e pittoresca vila. O seu municipio e o ministerio do fomento procuram realizar ali grandes trabalhos, a fim de obstar a essa terrivel tarefa das aguas.



Invasão do mar em Espinho



Parte da estacaria sobre a qual serão lançadas enormes pedras, a fim de atenuar os embates das ondas (Clichés do sr. David B. da Silva)

# A MURALHA DA CHINA



1



2



3

A China fez a sua Republica ao cabo d'uma dinastia secular. Quando aqueles chefes mandchus começaram a reinar já existiam os enormes muralhões que eram as largas, altas, fortissimas barreiras para o europeu. A muralha da China era o circulo onde se continha bem defendido o egoismo de todo um povo agarrado á sua tradição, á sua vida, á sua arte, guardando os seus segredos. No topo das muralhas, aqui e ali, erguiam-se torres, sentinelas mongolicas de rabicho e olhos de amendoa, espreitavam os caminhos e todas as noites o bom chinês adormecia satisfeito porque os muralhões ali estavam na sua rudeza a impedir as invasões.

Para a Europa a muralha da China tornou-se o simbolo da defeza estúpida, da barreira inflexivel, da nota ferozmente egoista de não deixar penetrar mais ninguem n'um templo ou n'uma vida, n'uma cidade ou n'uma alma. Era a terrivel muralha do preconceito. As balas não a derruíam em toda a sua extensão; o tempo poupal-a-ia enquanto o chinês tivesse a sua ancestral linha de conduta. Mas um dia jovens chinezes vieram penetrar na Europa os segredos das ciencias e das artes, aprender a arte



4



5



6



7

1—A grande muralha em Talgan

2—A grande muralha em San-Hou-Khuan

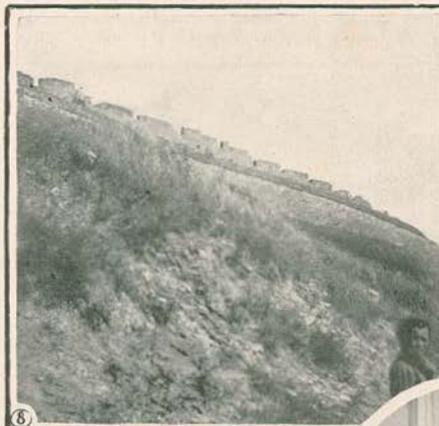
3—Torre de leste em San-Hai-Kuan

4—Senhora chinesa

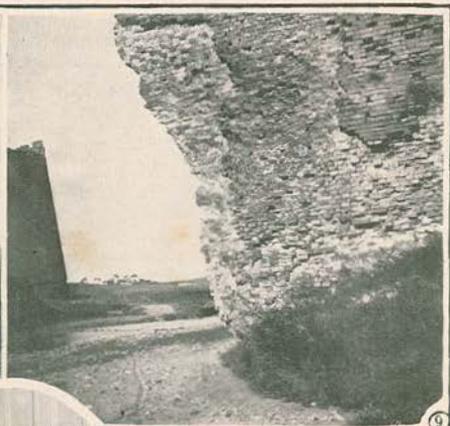
5—Troço da grande muralha

6—A muralha em Patalim

7—A grande muralha em Nan Kow



8—A grande muralha nas montanhas



9—Ruínas da grande muralha a uma hora de Sun Wai-kuan

da guerra moderna, o manejo dos canhões, a condução dos navios e quando voltaram—ainda deslumbrados pela potencia das polvoras, pela torça dos armamentos—olharam com um sorriso d'um desdem triste para as velhas muralhas da sua patria. A' medida que iam estudando e sabendo, aqueles blócos mais frageis lhes pareciam. Pouco a pouco foram nas abandonando, deixando que as hervas se



10—Cantora chinesa de 1.ª classe

prendessem nas suas pedras, olhando os bocados que se desmoronavam, deixando-os derruir com o mesmo ar melancolico e com o mesmo sorriso. Entretanto os europeus iam chegando, iam penetrando com os seus modernismos que os proprios chineses chamavam e desejavam.

O pensamento humano destruiu as muralhas da tradição como apeára os mons-

truos deuses da lenda.

Pouco resta já d'essas muralhas famosas que sempre se julgaram eternas e o mais curioso da sua historia é que, ao contrario dos velhos muros das fortalezas que de fóra se derruiam esta—a grande muralha—caiu porque de dentro, os proprios chineses, lhe abriram fundas brechas ao regressarem da Europa com novas idéas e com um sorriso desdenhoso para os muros da tradição.



11—Altas senhoras tartaras

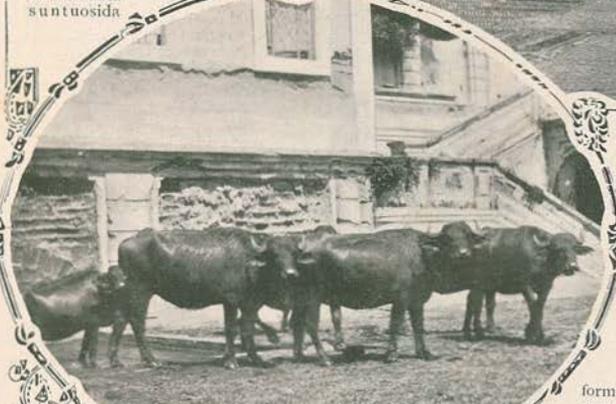


12—Senhora tartara fazendo as suas compras

# O INSTITUTO SUPERIOR AGRICOLA DE PORTICI

## ONDE ESTUDAM ALGUNS ALUNOS PORTUGUEZES

O turista, que de Nápoles se puzer a caminhar da classica excursão Erculano-Vesúvio-Pompeia, n'uma deliciosa manhã primaveril — d'essas belas e encantadoras manhãs meridionaes, de puro céu azul, inundadas de luz, em balsamadas pela subtileza dos mais delicados perfumes! — o itinerario preferido obriga-o sempre a transpôr, no percurso da viagem, minusculos e pitorescos povoados litoraes, entre os quaes se destaca, pela vetusta suntuosida



de das suas vilas, o de Portici, residencia estiva predileta dos extintos soberanos do ex-reino de Nápoles.

A celebridade actual de Portici deriva da quasi exclusiva reputação mundial da sua florescente escola agronomica, cuja notoriedade os italianos reconhecem, considerando-a como a mais importante e prospera das suas cinco escolas similares. A oportunidade de uma singela referencia á escola de Portici, na *Ilustração Portuguesa*, justifica-se pelo facto de n'ela se terem

formado, em novembro ultimo, quatro agnomos portugueses, dos quaes tres pensio-nistas do Estado.

No ex-palacio real, magnifico especimen architectonico da renascença italiana, tem hoje a sua sede a escola agronomica de Portici. O falecido senador A. Ciccone, então ministro da Agricultura, foi o homem que em 1872 mais entusiasticamente encareceu e pugnou pela fundação da



1—Um aspecto do campo da escola no sopé do Vesúvio 2—Os bufalos no Instituto de Zootecnica 3—Na campania: Excursão de alunos do 3.º e 4.º anos



Aspetto d'um massico silvicola da-escola

escola, cuja solene inauguração tivera lugar no ano seguinte, isto é, a 9 de janeiro de 1873, e á qual compareceram as maiores notabilidades científicas da Italia meridional. O Estado garantia, na cerimonia inaugural, uma primeira subvenção de vinte e quatro contos de réis; a provincia de Napoles concorria, a seu turno, com a cedencia do ex-

aliás o atestam os inumeros alunos estrangeiros que ali tem ido colher ou completar ensinamentos da tecnica agronomica. Com effeito, muitos são já os paes que tem enviado alunos a Portici, no intuito de regularmente frequentarem o u especialisarem n'aquella escola co-nhecimentos tecni-co-científicos; en-tre essas nações citamos a Austria-Hungria, a França, Portugal, quasi todos os povos balkanicos, Egito, a Argentina e o Brazil. Dos personagens mais illustres que tem visitado a escola, especificamos (afora o rei Vitor Manuel que com frequencia ali



A fachada da escola

lacio real e seus anexos, e ainda com a verba ou quota-parte annual de doze contos de réis. O futuro da escola estava, como se vê, assegurado pecuniariamente; o imprescindível concurso de um seletto corpo docente tambem se não fez esperar, o que de contrario iria comprometer e ilaquirar, por esse lado louvaveis esforços e nobres tentativas dos precursores e apologistas.

A escola de Portici produzia bons agronomos e progredia a olhos vistos. Entretanto, althalia julgo necessario reorganisar, em 1889, todos os seus estudos agronomicos e superintender diretamente ao funcionamento organico de todas as escolas de ensino superior tecnico.

Aquella data é registada, com legitimo orgulho, nos anaes da escola, pois essa época memoravel traduz e evoca o ponto de partida para a sua mais gloriosa fase de progresso: revisão e correção de programas, de métodos de ensino, criação de novos laboratorios, ampliação de outros e, enfim, a anexação de institutos experimentaes autonomos taes como o Instituto de Industrias Agrarias, Instituto de Zootecnia, Estação Experimental Oleicola, Adega Experimental, Estação de Entomologia, Estação de Bacteriologia e antimalarica, Estação de Sericultura e Apicultura, Estação de Ensaio de maquinas, Estação official quimico agricola, Campos experimentaes agricolas e, enfim, o Observatorio Meteorologico.

Com todos estes preciosos elementos de formação professional, não surpreende a consideração em que é tida a escola agronomica de Portici, não só em Italia, mas tambem extra-fronteiras, como

entre essas nações citamos a Austria-Hungria, a França, Portugal, quasi todos os povos balkanicos, Egito, a Argentina e o Brazil. Dos personagens mais illustres que tem visitado a escola, especificamos (afora o rei Vitor Manuel que com frequencia ali

vae), o eminente economista Jules Méline, o ex-presidente do Brazil Nilo Peçanha, os professores Westermann (dinamarquez), Ravaz e Coex (francezes), Erubirth, So-rauer, Rosic-ke, Wiltmack Werner (ale-mães), Cincinnati da Costa (portuguez), Spechner, Fiocher de Waldheim e Kern (Rus-sos), etc. Os professores e alunos de algumas escolas agronomicas estrangeiras, como por exemplo as de Grignon e de Montpellier, tem vindo em excursão a Portici.

Emtím, merece referencia especial a visita realisada em 1903 pelo setimo congresso internacional de Agricultura, ao qual a escola de Portici preparou uma grandiosa recepçã e um lauto banquete de cerca de quinhentos talheres.

A escola agronomica de Portici é atualmente frequentada por uma média de cento e quarenta alunos, dos quaes se formam annualmente vinte e cinco a trinta agronomos (*dotto-ri in scienze agrarie*), ou seja um terço dos diplomados nas restantes quatro escolas agronomicas italianas.

E aqui está como, em parte se explica o *risorgimento* economico-agrario da Italia.

Lisbo, março de 1912.

CUNHA COUTINHO.



1—Os quatro estudantes portuguezes diplomados em Portici Da esquerda para a direita dr. Constantino Torres Cunha Coutinho, Mira Galtão e Soromenho Falcão 2—O parque dos bovinos

